

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

GRUPO DE ATIVIDADE FÍSICA COMO POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAÇÃO DO PROCESSO DE ADOECIMENTO¹

GROUP OF PHYSICAL ACTIVITY AS A POSSIBILITY OF RESSIGNIFICATION OF THE PROCEEDING PROCESS

Giovana Smolski Driemeier², Moane Marchesan Krug³, Simoni Antunes Fernandes⁴

¹ Trabalho oriundo do Projeto de Iniciação Científica PIBIC/UNIJUI.

² Aluna do curso de Psicologia da Unijuí e bolsista PIBIC/UNIJUI

³ Professora do curso de Educação Física da Unijuí e doutora em Educação Física. Orientadora do estudo.

⁴ Professora do curso de Psicologia da Unijuí e mestre em Educação nas Ciências.

INTRODUÇÃO

As doenças crônicas não transmissíveis podem ser entendidas como um grupo de doenças de progressão lenta e de longa duração, que são a principal causa de mortalidade da população adulta mundial. Esse grupo de doenças apresenta uma relação entrelaçada com a idade do sujeito, isto porque geralmente elas adquirem maior prevalência e mortalidade de acordo com o avanço da idade (LESSA, 2011). Nesse sentido, tem-se uma problemática acentuada quando o sujeito vai de encontro com um corpo em envelhecimento, que adoeceu.

O envelhecimento no sujeito que adoece impõe perdas a nível do corpo, como a flacidez e a diminuição da força e da musculatura, a nível psíquico defronta-se entre outras questões com a finitude e a modificação dos planos. Considerando isso a inserção em determinados tipos de grupos é benéfica, propondo novos paradigmas e olhares para esse grupo de pessoas.

Desse modo, tem-se como objetivos conhecer e analisar o processo de adoecimento e envelhecimento na subjetividade, sob a ótica psicanalítica bem como demonstrar a importância da inserção dos sujeitos idosos em adoecimento sob uma prática de grupo, realizada no Laboratório de Atividade Física e Promoção da Saúde da UNIJUI – CAMPUS Santa Rosa. O tema descrito tem sua origem em uma pesquisa a ser realizada em um laboratório de atividade física com pacientes portadores de doenças crônicas não transmissíveis.

METODOLOGIA

O estudo é elaborado a partir de pesquisas bibliográficas, cujas buscas foram realizadas em artigos indexados em base de dados como scielo e na literatura publicada, bem como observações e interações com os idosos participantes do grupo.



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Além disso, a presente escrita faz parte de uma pesquisa institucional, vinculado ao Departamento de Humanidades e Educação e a demanda do trabalho é suscitada pelo programa de iniciação científica da UNIJUI. Tendo o projeto como base é importante que se busque informações acerca do impacto subjetivo do programa para sujeitos em envelhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a leitura e observação atenta sobre os dados deste estudo, percebe-se que as duas problemáticas que aqui se articulam, o adoecimento e o envelhecimento, têm características importantes em comum: ambas são silenciosas e gradativas. Logo, o indivíduo não toma consciência na medida que ambas avançam e, por isso, quando a percepção dessa realidade advém, existem questões de ordem inconsciente que emergem.

Tendo em vista a doença que se instaurou, Mucida (2017) explica que se posta uma fantasia de futuro mínimo, onde os planos acabam entrecortados e a vida adquire outro curso. Com isso, a finitude se faz presente em suas vidas confrontando-se com a ideia de imortalidade em que fielmente se crê (FREUD, 1915). A morte, por sua vez, é percebida do ponto de vista da perda, frente ao qual não existem palavras para nomear.

Ancorado a tal, o corpo também sofre alterações que colocam o sujeito frente a frente com uma repetição do estádio do espelho. Este, na infância, propõe o reconhecimento do próprio corpo como sendo seu e a visão dele como um ideal para ser amado (LACAN, 1949). No envelhecimento, por sua vez, não ocorre a formação desse ideal, afinal, ele não detém mais os traços que a sociedade considera como padrões.

Esse processo põe o sujeito em confronto com o duplo: aquele que nos é familiar e estranho ao mesmo tempo. O estranho é aquilo que foi recaiado e voltou, por isso a sensação de horror ao percebe-lo (FREUD, 1919). Na velhice doente, o sujeito pode se ver como um estranho pois não porta mais aquele corpo que amou, nem mesmo as características que entendeu como sendo suas.

A articulação do psiquismo com corpo, demonstra que o eu é corporal (FREUD, 1923). Nesse sentido, a doença e a dor advém de uma forma a lembrar que ali existe um corpo e que este é limitado. O limite, por sua vez é imposto, a todo e qualquer sujeito, na castração. Esse complexo é proposto por Freud para explicar a imposição metafórica dos limites e leis à criança. “A referência ao complexo de castração neste ponto é fundamental, porque ele nos permite situar a maneira de cada sujeito enfrentar os limites que lhe são impostos por um corpo sexual e mortal” (CASTRO-ARANTES; LO

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

BIANCO, 2013, p. 2517).

A castração, por sua vez, coloca o sujeito frente a frente com o desamparo, este é posto por Jacques André (2001, p.102) como “a designação do estado do lactente impotente quanto a realizar, por seus próprios meios, a ação específica capaz de pôr fim à tensão interna da necessidade”. Mucida (2017) nos mostra que esse afeto advém da imaturidade inicial do ego, do temor da perda do objeto de amor, da impossibilidade de sobrevivência sem um Outro, do medo da castração e posteriormente do temor do superego. Isto é, são os momentos da vida onde o sujeito não consegue encontrar uma simbolização de maneira imediata é, então, um percurso propício ao surgimento da angustia. Na vida adulta, o desamparo advém como protótipo da situação traumática que gera angustia (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Assim, em situações de adoecimento, o infantil reinscreve o desamparo em conformidade com o perigo em que se encontra naquele momento.

Nesse sentido, percebe-se a existência de várias perdas a nível corporal e subjetivo para os sujeitos idosos tomados por doenças. Com isso vai tendo desinvestimentos e investimentos, que fazem com que esse tipo particular de envelhecimento seja perpassada por momentos de luto, onde buscar-se-ia a introjeção dessas percas a nível libidinal (MUCIDA, 2017).

A inserção no grupo propõe ao sujeito uma possibilidade de sublimação. Esta é caracterizada como atividades humanas sem aparente relação com a sexualidade e que tem sua força propulsora na pulsão sexual (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001). “A sublimação é uma via importante para tratar o real” (MUCIDA, 2017, p.99) já que “na velhice, muitos dos canais abertos socialmente como forma de sublimação tornam-se impossíveis, principalmente aqueles abertos pela via do trabalho tal como ele se organiza nas sociedades capitalistas” (MUCIDA, 2017, p. 92). Essas atividades, ao serem ofertadas ao grupo não trazem necessariamente a satisfação pulsional pela via da sublimação, mas mesmo assim podem ter efeitos sobre o particular, ofertando um percurso pelo qual o sujeito pode se fazer andar até extrair a satisfação do pertencimento ao projeto.

Com todas as movimentações que essa fase impõe ao sujeito, a transferência que se vincula aos coordenadores do grupo é importante para a atualização dos traços inconscientes. Segundo Freud (1917) a transferência diz da atualização dos desejos inconscientes recalcados para figuras atuais. De maneira direta e indireta tem-se que, a presença no local possibilita o direcionamento de novos sentidos para os significantes e marcas do sujeito.

Além disso, existe o estabelecimento de laços afetivos muito fortes com os colegas de grupo, que fomenta uma incorporação para o ego (FREUD, 1923) dos traços desses outros sujeitos. Tal ideia



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

caracteriza justamente um grupo onde usa-se uma forma de traço imaginário de identificação. A ocorrência das rodas de conversa no projeto fazem com que os indivíduos sintam-se acolhidos e acolham-se entre si, encontrando suporte emocional para suas dificuldades, assim como o “olhar” que nos é constitutivo desde a mais tenra infância.

Pode-se falar, ainda, de um narcisismo que evolui nessa integração. Ao descobrir-se envelhecendo, o sujeito se defronta com o espelho quebrado (MUCINDA, 2017), isto é, a construção de uma imagem corporal, de um eu, mas agora não idealizado e sim em decadência. O sujeito acaba por entrar em sofrimento por não se reconhecer nesse corpo que dói, que é flácido, que não tem a mesma resistência. Nesse sentido, a inserção das atividades físicas faz com que esse desempenho corporal e a saúde melhorem, proporcionando uma atenuação dessa visão negativa do corpo que não é mais reconhecido. Além disso, esse engajamento faz com que os sujeitos possam ressignificar de maneira mais fácil essa modificação corporal a que obrigatoriamente se é submetido.

Assim, denota-se que tais enquadramentos possibilitam ao sujeito a retomada de laços sociais, fomentado pela participação em um grupo e o convívio com os integrantes. Ainda, oferece a possibilidade de sublimação de sua energia pulsional em algo que lhe dê certo prazer e compromisso em realizar. Por fim, pode-se perceber a existência da transferência com os coordenadores dos projetos como possibilidade de dar novos sentidos aos traços inconscientes.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o referencial teórico apresentado, é possível perceber que o processo de envelhecimento propõe alterações na dinâmica de vida. Atrelado a ele, as doenças presentes tornam esse período mais difícil. Essas alterações provêm das percas que ele vivencia, bem como do olhar que lhe vem sendo direcionado pelo social. Tais questões desencadeiam sofrimento e necessidade de ressignificações, que só podem ser vivenciadas na presença de outro sujeito com o qual se possa estabelecer laço transferencial.

Dessa maneira, a proposta de um grupo de atividades físicas, permite aos idosos que firmem uma identidade grupal, bem como uma individual. O convívio dentro desse grupo restaura o laço social fragilizado e as atividades constituem uma possibilidade de sublimação. Em última análise, a participação nesse grupo é de extrema importância para o equilíbrio da saúde desses idosos, isso é, bem estar bio-psico-social.

Palavras-chave: envelhecimento, grupo, inconsciente, adoecimento.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Keywords: aging, group, unconscious, sickness.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRE, Jacques. Entre angústia e desamparo. *Ágora* (Rio J.). Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 95-109, dez. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 abr. 2020.

CASTRO-ARANTES, Juliana de Miranda e; LO BIANCO, Anna Carolina. Corpo e finitude: a escuta do sofrimento como instrumento de trabalho em instituição oncológica. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2515-2522, Set. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232013000900005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 Abr. 2020.

FREUD, Sigmund. O ego e o id (1923). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Cap. 1, p. 14-81. v. 19.

_____. O estranho (1919). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Cap. 9, p. 234-274. v. 17.

_____. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Cap. 10, p. 285-312. v. 14.

_____. Transferência (1917 [1916-1917]). In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Cap. 12, p. 433-448. v. 16.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Cap. 2, p. 96-103.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LESSA, Ines. Doenças crônicas não transmissíveis. In: BERLEZI, Evelise Moraes; FRANZ, Ligia Beatriz Bento (Org.). **Doenças e agravos não transmissíveis**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2011. p. 15-46.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.